



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

EDUARDO SUCENA, OLISIPÓFILO E OLISIPÓGRAFO

Francisco Santana

Numa muito breve e muito remota tentativa de criação de um pessoalíssimo dicionário, defini “Intellectual” como “Homem diluído em condicionais e disjuntivas”. O longo e proveitoso convívio com Eduardo Sucena impôs-me a evidência de quanto tal definição era desajustada da realidade. Homem de sólidas convicções, mais dado a certezas do que a dúvidas, a diversidade dos seus interesses e uma curiosidade infatigável e sempre desperta fizeram-no constituir obra multimoda e valiosa que, obviamente, lhe garante presença no mundo da Cultura.

Essa obra (que, aspecto não irrelevante, era baseada em prosa ágil e culta) justifica, melhor direi, impõe, que dela se faça completa resenha. E creio que revelar a dimensão da sua obra constitua a melhor homenagem que se poderá fazer ao prolífico Autor.

Parece-me que essa tarefa ciclópica (no mínimo...) só poderá ser levada a cabo pela conjugação de vários esforços. Tento, esperando que isso não exceda as minhas fracas forças e difíceis circunstâncias, coligar a sua colaboração em trabalho que “construímos” juntos, o *Dicionário da História de Lisboa*, e em publicações nas quais ambos colaborámos: *Arqueologia e História* (da Associação dos Arqueólogos Portugueses), *Olisipo* (do Grupo Amigos de Lisboa) e *Cadernos Culturais* (do Centro Cultural Eça de Queirós). Mas, antes destas muito largas dezenas de textos, lembro só, e muito como-

vidamente, obra que Eduardo Sucena dedicou à sua Guarda natal (*Guarda – a minha montanha mágica*), a última que publicou, e de que um exemplar me foi entregue pela Senhora Dr.ª Berta Sucena em 28 de Dezembro de 2016, dois dias antes do falecimento do seu Autor e meu Amigo.

Começamos pela A.A.P., na qual ingressou em 17 de Fevereiro de 1997 e cujas Secção de História e Comissão de Estudos Olisiponenses integrou. A esta última, eleito em 12 de Março de 2009, presidiu durante o triénio de 2009 a 2012.

Em *Arqueologia e História* publicou, no n.º 53 (2001), “Os muros afonsinos de Lisboa” (texto de comunicação apresentada à Comissão de Estudos Olisiponenses em 30 de janeiro de 2001) e “No centenário do nascimento de Luís Pastor de Macedo”.

No n.º 58/59 (2006/2007) estão publicadas “D. Maria Ana de Áustria, a Rainha desaparecida”, “A Casa da Flor da Murta” e “O Vale e o Convento de Chelas”, textos de comunicações apresentadas, respectivamente, em 2 de Abril de 2002 e 27 de Junho e 30 de Novembro de 2006.

Apresentou ainda, à Secção de História, “A dupla tumulação de D. Paio Peres Correia, Mestre de Santiago” (em 3 de Novembro de 2003) e, à Comissão de Estudos Olisiponenses: “Casas dos Templários e Hospitalários em Lisboa”, “A provável beguinaria de Lisboa”, “O Colégio de S. Patrício

dos Irlandeses”, “A pedra de armas da fachada da igreja de S. Lourenço de Carnide” e “Júlio de Castilho e o Arco de Santo André”, respectivamente, em 3 de Abril de 1997, 20 de Maio de 2008, 10 de Dezembro de 2009, 24 de Junho de 2010 e 16 de Fevereiro de 2012.

A terminar este apontamento sobre a sua presença na A.A.P. regista-se que, por iniciativa da Mesa da Comissão de Estudos Olisiponenses, foi evocada a sua memória e lembrada a sua obra no colóquio “Esta Lisboa que eu amo” que teve lugar em 6 de Maio de 2017. Estiveram presentes o Senhor Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História, membros do GAL e o Dr. Assírio Bacelar, em representação da Vega Editora. Usaram da palavra, além do Presidente da Mesa, Prof. Arq.º Mário Varela Gomes, J. Leitão Baptista, Fernando Andrade Lemos, Clementino Amaro, Heitor Pato, António M. Dias Diogo e Laura Trindade e Ana Cristina Martins que entrevistaram, respectivamente, com “No rito dos passos, em pedras polidas, marcas que possam ser lidas (*in memoriam* de Eduardo Sucena)”, “Quando a ciência se cruza com a amizade”, “Olaria romana da Garrocheira – seu contexto no Tejo e na produção de preparados piscícolas de Olisipo”, “A tumulação de São Vicente na Sé de Lisboa”, “A instituição do Vínculo de Capela por Balthazar Dias Pereira e Sua Mulher ao Convento do Carmo de Lisboa” e “Eduardo Sucena e a Associação dos Arqueólogos Portugueses: duas décadas de cumprimentada”.

No Grupo Amigos de Lisboa, em cuja vida teve papel relevante durante décadas, ingressou Eduardo Sucena em 7 de Fevereiro de 1980. Foi eleito secretário-geral uma primeira vez em 1988, tendo para o mesmo cargo sido sucessivamente escolhido para os triénios iniciados em 1991, 1994 e 1997; foi eleito Vice-Presidente e Presidente da Assembleia Geral, respectivamente, em 2000 e 2003.

Assinala-se a presença de textos seus no boletim *Olisipo*, órgão do GAL, a partir do n.º 146/147/148, respeitante aos anos de 1983 a 1985, no qual publicou “O Fado, Canção de Lisboa”.

No n.º 149 (1986), no qual assumiu a direcção, em virtude do falecimento do Dr. Paulo Caratão So-

romenho, subscreveu “A Capela de N. S. da Soledade anexa à primitiva Igreja de São Jorge” e “Os antigos retiros das hortas”.

Colaborou no n.º 150 com “Os Cafés na vida social, política e intelectual de Lisboa”. Nesta edição, com a qual se encerrou a I Série, como nas anteriores mencionadas, não se lhe devem só os textos referidos; o seu profundo entrosamento na vida da colectividade e na do seu boletim traduziu-se ainda em notícias necrológicas, intervenções em visitas promovidas pelo GAL, textos sobre a remodelação de *Olisipo*.

Desta remodelação resultou a II Série de *Olisipo* (em que figura como Director – Adjunto nos n.ºs 5 a 11). Nela publicou “Os misteriosos subterrâneos de Lisboa” (n.º 6, Julho de 1998), “Casas dos Templários e dos Hospitalários em Lisboa” (n.º 7, Dezembro de 1998), “A Cerca Fernandina entre as Torres de São Lourenço e de Santana” (n.º 8, Maio de 1999), “De Santo Antão-o-Velho ao Hospital de São José” (n.º 9, Junho de 1999), “A Ordem de Cister em Lisboa”, “Adeus, Amália” e “Centenário do nascimento de Mário Domingues” (n.º 10, Outubro de 1999), “Peregrinação – Religiosidade e Aventura” (n.º 11, Dezembro 1999).

No n.º 13 (Julho/Dezembro de 2000) está transcrito, sob o título “Amália”, um texto retirado da sua obra *Lisboa, o Fado e os Fadistas*; neste mesmo número passou a coordenar a secção “Arquivo Pitoresco”, nela subscrevendo notas intituladas “Arte e vandalismo” e “Como se achincalha a memória de um herói”; na mesma Secção publicou, no n.º 14 (Janeiro/Junho de 2001), “Um incêndio no Limoeiro” e “Insistência no erro”.

Voltou a debruçar-se sobre a figura de um dos seus olisipógrafos preferidos (até por terem em comum, além do amor por Lisboa, um certo pendor boémio e a devoção por Camilo) em “Luís Pastor de Macedo, conceituado comerciante e distinto olisipógrafo”, publicado no n.º 15 (Julho/Dezembro de 2001). “Como Eça e Camilo viram o Sítio dos Olivais” foi a sua colaboração no n.º 16 (Janeiro/Junho de 2002) e no n.º 17 (Julho/Dezembro de 2002) voltou a um dos seus temas de eleição, “A Cerca

Nova de Lisboa – vestígios actuais”. Colaborou no n.º 19 (Julho/Dezembro de 2003) com “A Quinta e o Paço de Belas” e “A Grande Noite do Fado – 50 anos depois”, no n.º duplo 20/21 (Janeiro/Dezembro de 2004) com “O Cais das Colunas – que futuro?”, no n.º 22/23 (Janeiro/Dezembro de 2005) com “A Infanta D. Maria de Portugal e a Lisboa Quinhentista (texto de comunicação apresentada em 25 de Outubro na Universidade Lusófona no âmbito de sessão promovida pela Associação de Defesa e Desenvolvimento do Campo Grande que para ela convidou alguns colaboradores de *Olisipo*). O n.º 24/25 (Janeiro/Dezembro de 2006) contou com diversa colaboração sua: além de, no “Arquivo Pitoresco”, ter publicado “Um Retrato do Esculápio” e “A Estação do Metro do Martim Moniz”, publicou em outra Secção, “Feira da Ladra”, “Fados... dos Amigos de Lisboa”; subscreveu também “A fantástica cisterna do Mira”, “Quebra Bilhas – O último retiro das hortas” e “O Professor Cândido de Oliveira e os Amigos de Lisboa” (reproduz evocação do mesmo em 25 de Novembro na Biblioteca da Ordem dos Médicos). Do n.º 26 esteve ausente e no n.º 27 (Julho/Setembro de 2007) só se lhe deve, integrado na “Feira da Ladra”, texto dedicado à “Tertúlia Festa Brava”. No n.º 28 (Outubro/Dezembro de 2007) temos “A provável beguinaria de Lisboa” e, no “Arquivo Pitoresco”, “A Livraria Barata – uma livraria modelo”. No n.º 29/30 (2008/2009) recordou “O repertório oitocentista do Teatro da Trindade”, “D. Maria Teresa de Noronha” e, em “Setenta anos depois...”, Amália Rodrigues; e no “Arquivo Pitoresco” publicou notas sobre “S. João Nepomuceno”, “Palácio das Necessidades”, “Estação de Santa Apolónia” e “Monumento da Guerra Peninsular”. E, finalmente, no n.º 31 (2010), assinou “A pedra de armas da fachada da igreja de S. Lourenço” e, no “Arquivo Pitoresco”, “Os túmulos dos beneméritos do Colégio de S. Patrício” e “Uma curiosidade da história da Carris”.

As edições de 2011 e seguintes não chegaram, por uma convergência de circunstâncias lamentáveis, a ser publicadas. Se fosse pertinente encetar uma como que bibliografia virtual, ela abriria com

a indicação, no hipotético n.º 32, de “Eng. Brazão Farinha – um madeirense presidente dos Amigos de Lisboa” e “Augusto Fuschini e as obras de restauro da Sé de Lisboa”.



Fotografia de 2007, feita por consócia do GAL, a Senhora D. Adèle Lopes Paulo.

O *Dicionário da História de Lisboa* nasceu em visita dos Amigos de Lisboa ao Palácio Belmonte; foi aí que, de modo aparentemente desinteressado mas, na realidade, francamente interessado, comentei como seria útil um dicionário onde, tendo em atenção as mais recentes investigações, se abordassem os temas que, no seu conjunto, constituíssem uma História da Cidade. Ao fazê-lo, tinha a consciência de que meter ombros a tal empreendimento não era tarefa para uma só pessoa e sabia que Eduardo Sucena tinha em elevado grau os necessários saber e pertinácia para, juntos, levarmos a cabo tão ambicioso desiderato; e tinha a certeza, felizmente confirmada, de que se entusiasmaria com a hipótese da sua concretização.

Os textos que subscreveu correspondem, naturalmente, aos seus interesses e manifestam as suas

preferências, evidenciam o seu apreço pelas personagens socialmente cimeiras mas, também, pelos locais e manifestações da cultura popular. Duas figuras gradas (sobre as quais, aliás, em outras ocasiões se debruçou: “Maria (Infanta D.)” e, em relação com ela, “Nossa Senhora da Luz (Santuário e Mosteiro de)” e “Nossa Senhora dos Prazeres (Hospital de)” ; “Manique (Diogo Inácio de Pina)”.

Outro tema que aprofundadamente estudou e também com diversas emergências na sua obra originou “Cerca Fernandina” e “Cerca Velha”.

Palácios, temos: “Belmonte (Palácio dos Condes de)”, “Caldas (Palácio dos)”, “Flor da Murta (Palácio)”, “Paço do Lumiar”, “S. Martinho (Palácio dos Condes de)”.

Foram as seguintes as entradas por si subscritas respeitantes a igrejas e residências religiosas: “Chelas (Igreja e Convento de)”, “Corpus Christi (Convento de)”, “S. Patrício (Colégio de)”, “S. Tomé (Igreja de)”, “Santa Maria de Jesus (Convento de)”, “Santa Marinha (Igreja de)”.

A atenção às zonas velhas e típicas e também às (*in illo tempore*) da periferia originou: “Alfama (Bairro de)”, “Alvalade (Campo de)”, “Bairro Alto (Evolução Social)”, “Buenos Aires (Sítio de)”, “Cais do Sodré”, “Luz (Sítio da)”, “Mocambo”, “Mouraria (Bairro da)”, “Pampulha (Sítio da) e, já acima listado, “Paço do Lumiar”.

Obviamente escreveu (quem melhor o faria?!) sobre “Amigos de Lisboa (Grupo)” e “Araújo (Norberto de)”; lembremo-nos de que este, o único olipógrafo aqui listado, foi fundador do Grupo e era jornalista, actividade por que Eduardo Sucena tinha declarado fascínio e com a qual iniciou o seu percurso literário. Ser convivente que era, não menos óbvio é que se tenha encarregado das entradas “Cafés” e “Retiros das Hortas”. E não poderia pensar-se em outro autor para “Fado” e “Severa”.

Subscreveu ainda “Academias particulares”, “Colinas (7)”, “Lisboa Ocidental e Oriental”, “Osberno” e “Polícia”.

Este nutrido conjunto de estudos, posto à disposição da Senhora Dr.ª Luísa Braz de Oliveira, organizadora de *Lisbonne – Histoire, Promenades,*

Anthologie & Dictionnaire, volume editado por Robert Laffont em 2013, justificou que o seu nome fosse um daqueles a quem a organizadora expressou agradecimentos.

A listagem precedente poderia ser ampliada com as muitas entradas já impressas destinadas à 2ª edição do dicionário (agora em 3 volumes e com o título de *Grande Dicionário da História de Lisboa*). Mas o misterioso não aparecimento dela só o poderiam esclarecer (e nunca o fizeram) a Editorial Presença e o editor antecedente.

Quem com alguma atenção folhear o *Dicionário da História de Lisboa*, reparará que largas dezenas de textos não estão assinados. Porquê? É a altura de, *urbi et orbi*, o revelar; bem ou mal, os coordenadores considerámos que seria inconveniente haver em excesso textos assinados pelos mesmos nomes, os de alguns dos colaboradores e, sobretudo, os nossos, mas versavam temas que não queríamos deixar esquecidos e não conseguimos arranjar quem os tratasse. Quais os que se devem a Eduardo Sucena? Posso afirmar, com absoluta certeza, que são da sua autoria “Arnulfo”, “Biblioteca Genealógica de Lisboa”, “Centenário de Camões (1880)”, “Macedo (Luís Pastor de)”, e “Morraz (Ponte do)”. Pelos temas, pelo estilo, pela bibliografia citada, inclino-me, com fortíssima probabilidade para que se lhe devam os seguintes: “Alto do Longo”, “Alto do Varejão”, “Braço de Prata (Sítio de)”, “Cabeço de Bola”, “Cabo Ruivo (Sítio de)”, “Corte Real (Palácio)”, “Esperança (Convento de N. S. da)”, “Lafões (Palácios dos Duques de)”, “Pedrouços (Sítio de)”, “Santa Justa (Igreja de)”. Considero muito possível, espessando-se, todavia, sobre essa possibilidade algumas dúvidas, que sejam da sua pena “Corredoura”, “Paço dos Tabeliães”, “S. Martinho (Igreja de)”, “Sant’Ana (Convento de)”, “Santa Apolónia (Convento de)”, “Santa Clara (Convento de)” e “Senhor Jesus do Rosário (Ermida do)”.

Eduardo Sucena possibilitou a passagem do *Dicionário da História de Lisboa* de potência a acto e por isso lhe estou infinitamente grato. Dos textos que nele publicou considero os listados em último lugar, do ponto de vista do contributo para a sua bi-

bliografia, os mais e os menos valiosos; os menos, porque sobre eles pairam dúvidas quanto à sua paternidade, mas os mais valiosos porque creio que não há outra notícia que ao seu Autor os atribua.

Refiro por fim (*the last but not the least*) os *CADERNOS CULTURAIS*, uma das facetas da notável acção de dinamizador cultural do Prof. Fernando Afonso de Andrade e Lemos, nosso Amigo e Confrade. Nesta publicação, que surge, com regularidade pendular, em Novembro de cada ano, marcou presença desde o n.º 3 (2010) até ao 9 (2016).

No n.º 3 colaborou com “D. Nuno Álvares Pereira e as leis da ordem da cavalaria”, no n.º 4 com “Paço do Lumiar medieval”, no n.º 5 com “Júlio de Castilho e o Arco de Santo André”, no n.º 6 com “Lisboa quinhentista e a sereníssima Infanta D. Maria”, no n.º 7 com “Uma personagem de Alexandre Dumas em Lisboa”, “O Duque de Loulé e a questão de Olivença” e, em colaboração com Fernando Andrade Lemos, José António Silva e Maria Celeste Moradas Ferreira, com “Poiesis de Armando Moradas Ferreira”, no n.º 8 com “A Balada da Praia dos Cães – realidade e ficção” e “Arnaldo Ferreira: Pintor da Lisboa Nocturna”, no n.º 9 com “Méritos e deméritos do cronista-mor Rui de Pina”.

Terminei esta longa resenha de títulos, modesta contribuição para o monumento que se impõe seja erguido à memória de Eduardo Sucena. Foi ela estimulada por um sentimento de justiça mas também pela recordação de uma camaradagem de longos anos que ao longo deles se foi convertendo em firme amizade. Até sempre, Sucena! Até breve, meu Amigo!



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2019

www.arqueologos.pt